

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 8 DE OUTUBRO DE 1882 — N.º 33 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ovidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—A Frederica de Goethe. Uma hora feliz na existencia de uma mãe. Uma conta custosa. O grão Rabbino.
TEXTO:—Actualidades, por Gomes da Silva. As nossas Gravuras, por P. C. O domingo dos Bébés, por Cypriano Jardim. Rosicler, por Jayme Victor. Horas de ocio. As filhas dos elementos, por V. V. Dona Evornia, por Luciano Biart.



A FREDERICA DE GOETHE

ACTUALIDADES

O meu philosopho Rousseau affirmava que as mulheres produziam as tempestades que affligem o genero humano. — Pelo que se vê o notavel collaborador na obra da Revolução, não era positivamente um galanteador, mas conhecia o sexo fragil melhor que Lovelace. — Este admirava-as e amava-as por fóra; aquelle estudava-as por dentro. — Dava-se entre ambos a differença que existe entre um poeta e um anatomista; um admirava a alvura do collo, o outro a grandeza do coração; um olhava as madeixas assetinadas dos cabellos, o outro as deformidades craneanas.

Era natural que assim succedesse, pois muito difere um producto de Richardson d'um productór da Encyclopedia.

Qual d'elles tinha mais rasão, ou mais rasão de ser, é o que ignoro. — Lovelace, ao menos, amando-as, dominava-as; e Rousseau descrevendo-as tornava-as perigosas.

A adoração é como um véo que cobre o rosto e a alma de quem se adora; e Lovelace amava as mulheres, em quanto Rousseau as desvellava.

Para mim é ponto de fé que nem a beata resiste a um sorriso magano, quando, á hora da prece, lhe erguerem uma ponta do véo negro e transparente!

O que succederá, pois, á mundana que olha para o céu, para que lhe vejam o branco lacteo da retina sacudindo o vidrilho negro das pupilas para onde as palpebras e as sobrancelhas se agitam e recurvam?!

A figura da mulher é como a sua innocencia, puramente convencional. — A mulher é fraca, assim como é pudica; uma exterioridade, e nada mais, mas uma exterioridade, que á imitação do carmim as faz mais bellas e também mais falsas.

O protagonista da *Clarisse* illudia-se ou fingia illudir-se, e acariciava as mulheres como quem affaga uma pomba, e o caso é que sem lhes ameaçar as guias, ellas vinham pousar-lhe no collo. Não fazia isto o auctor das *Confissões*, e deu á mulher a attenção perscrutadora e as honras da guerra.

Entrando-se n'este caminho, o conflicto era inevitavel.

Dos conflictos entre o homem e a mulher tenho eu um medo terrivel — porque nunca tive a vaidade de suppor que um amante fosse para a mulher um objecto caro, a não ser pelos mesmos motivos porque assim julga um espelho de Veneza. Effectivamente a mulher revê-se no seu amor como n'uma lamina de crystal polido que o seu toucador emmoldura; se um dia o espelho lhe descobre uma ruga na fronte, um fio de prata na trança, ou o descordado dos labios, a vaidade do seu sexo cerra os punhos para a sua imagem, com impetos leoninos, e, então o espelho que tivera a audacia de lhe offender o amor proprio, póde talvez voar, de repente, em estilhaços ao contacto da sua pequenina garra.

O homem desempenha o logar do crystal e corre-lhe os mesmos riscos — segreda mansinho as bellezas que admira, transforma, com a collaboração de mil ingredientes, as mordeduras do tempo em correções da mocidade, e só tem da mulher um sorriso amoroso quando lhe disser que ella gosa as caricias da formosura. Com a alma succede o que succede com o corpo; para se reconhecer a fraqueza da mulher é indispensavel não a aggreir, e chegar até a considerar as suas aggressões, como uma das prendas mais galantes do seu sexo. — As represalias são a gymnastica de que necessitam os seus musculos delgados.

Não o tem entendido assim os sabios d'este mundo de valentes, e o resultado é que chegámos a uma epocha em que se julga indispensavel arvorar bem alto e arrogante, como flamula vencedora nas ameias d'um castello, a affirmação esculptural de que a força é um privilegio do homem com manifestações externas, como a honra e os meritos dos cidadãos decorados.

Tambem ia já sendo indispensavel tomar qualquer providencia que pozesse o rei da creação ao abrigo da impossibilidade de poder tratar d'esta!..

O caso ia-se tornando cada vez mais grave. — A guerra que eu previra accendia-se medonha.

Karr com os seus epigrammas, Dumas com as suas ameaças iam mettendo-nos em boa, não ha duvida. — O *tue la* tinha o seu echo em labios femininos, com uma unica modificação — a grammatical — que no resto era um *tue la* perfeitissimo —: os espelhos saltaram em estilhas com uma promptidão assustadora! Tambem não foi mal feito; quem nos mandou a nós baralhar os sexos, como quem baralha cartas, de fóra que não é facil saber á primeira tentativa onde é que está a dama e onde é que está o valet! Ainda ha-de chegar o tempo em que qualquer dicionarista, protegido pelo conselho geral da instrucção, defina a mulher — *um homem de saias e cabello comprido* —, cousa que fará acreditar a muitas creanças, que se trata d'algun chinez... Ora, d'isto tudo, é necessario dizel'o, tem muita culpa a nossa imprensa e o nosso teatro.

Gulpilhares e Villa a Velha, com o mascoto e o machado symbolicos do dominio feminino, ameaçam assolar o paiz n'um abrir e fechar d'olhos, e a revolução triumphante pode de um momento para outro, entrar ovante na capital e estabelecer o seu throno em o nosso restaurado *Hotel de Ville*.

É até mesmo muito possivel que algum Courbet ensaiado busque alguma *Columna Vendôme*, recordação do poder cabido, para a mandar arrasar! Mas ali, ali... só se fôr a columna do Pelourinho!

Em todo o caso, o negocio é mais grave do que a muitos homens se affigura, e se fôr necessario exigir um sacrificio poderemos ir talvez contando com a actriz Virginia.

Reviver a memoria da velha fraqueza feminina, fazendo surgir no palco de D. Maria a apavorada *Desdemona* e o impetuoso Othelo é o mesmo que collocar bocças de incendio ao pé de generos inflammeveis — Se este expediente não der em resultado a tranquillidade do somno de tantos esposos, pelo menos depois do espectáculo, então bem podemos acautelar a fronte do regaço de Dalila.

Desde que travei conhecimento com Sansão, nas paginas do velho testamento, tenho sempre lamentado os homens que monopolizam a força na cabeça... porque vem a sesta, vem a noute, vem a fadiga, e lá entregam os desgraçados a cabeça ao algóz, suppondo reclinal'a em amantissimo regaço.

Perante a heroína de Gulpilhares e de Villa da Telha, o homem é forte de mais para que se acobarde, mas escutando a canção de Lecoq, á hora em que as estrellas bruxuleiam, adeus força, adeus tudo, para que só echoe, em nome do amor e da alegria o pipilar gaiato da avesinha:

rouxinol que uma andorinha adora...

Veja-se por exemplo o que succede no Colyseu.

Mulheres com fórmãs athleticas, gymnastas e equilibristas capazes de equilibrarem n'um dedo o Augusto Ribeiro; braços feitos para arremessar as

creanças no espaço, e não para as conchegar ao seio.

Tambem isto serão mulheres? Não creio. Perdoe-me o sr. Calmels se eu invado estas questões da arte — mas a verdade é que Edith e Colmar podiam muito bem representar a força.

Quer o leitor ver uma amostra de mulher, mas uma verdadeira amostra, como a de uma peça de fazenda, que ja contem dimensões para n'ella se avaliar o tecido e o padrão?

Lembre-se de Gemma, da pequenina actriz, e procure deliciar-se na expansão delicadissima d'aquella alma, que se não é a perola asulada, transparente e arredondada que as ondas do amor revolvem no mar da vida, é já a gota d'agua que tem a forma e a transparencia d'uma lagrima que se balouça n'uns olhos apaixonados.

Quem não sabe adivinhar o esplendor d'uma rosa, nos labios coloridos e dolorosos d'um botão entreaberto?

Sem duvida a fraquesa da mulher é a sua maior força.

E se assim não fóra como poderia comprehender-se que na sociedade lisbonense, tão propensa ao galanteio barato e por vezes importuno dos Narcizos da Havaneza, surgisse como ave fugida ao sol da França ou da Italia uma vendedeira ambulante, pequena como a Cuniberti e commerciante como a Cecilia Fernandes?

Uma creança alvissima, rosada, elegante, soltando o seu pregão argentino e o seu sorriso endiabrado, dando ás noutes de Lisboa, o encanto que em Paris se deve á vivacidade das *bouquetières* ladinas e arditosas!

É que a mulher, creança ou não, como as borboletas alvas esvoaçam sempre onde as flores vicejam e se ás portas dos botequins as creanças sorriem e nos lares as mulheres sorriem e cantam, bem podem os homens tratar da politica: Fenayron é parisiense e Gulpilhares... um hospital.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A Frederica de Goethe

(Quadro de Kaulbach)

Esta pagina a um tempo graciosa e ingenua lembra um tocante episodio da mocidade de Goethe, que o poeta narrou e que vamos referir brevemente.

Tinha cerca de vinte annos Goethe (era em 1770), e estudava direito na universidade de Strasburgo, onde veio a doutorar-se. Um dos seus condiscipulos chamado Wieland, conhecia um honrado presbytero protestante de aldeia, pae de uns poucos de filhos, em que entravam duas lindas raparigas, e propoz ao seu amigo apresental-o á familia Brion, que habitava em Sôgenhin a algumas leguas da cidade.

Os nossos dois rapazes organisaram a esse respeito uma pequena conspiração. Goethe devia passar por um estudante pobrissimo, e vestir-se como tal; apezar d'isso, foi perfeitamente recebido, e em breve o ar a um tempo travesso e candido, as magnificas tranças loiras, os olhos azues, a airosa cintura de Frederica, a filha mais nova do pastor, impressionou vivamente o sensivel coração do joven poeta. Passou-se deliciosamente o dia — um risonho dia de primavera, n'uma casa antiga, no meio d'essa bella natureza, e quando, ao cair da noite, os nossos estudantes se quizeram retirar, instou-se com

nando a montar a cavallo, lhe estendi a mão pela ultima vez, e que ella me deitou um longo olhar carregado de lagrimas!... Foi assim que a deixei. Era cruel, mas era leal. Tornei-a a ver oito annos delles para que se não retirassem e não tiveram remedio senão ceder. Goethe passou a noite a sonhar com Frederica, e a fazer versos que lhe eram consagrados.

No dia seguinte envergonhou-se da sua innocente mentira, e sobretudo do seu miserando traje, e não se atreveu a tornar a apparecer deante de Frederica.

Sem dizer nada a pessoa alguma, sahio de casa, foi buscar o cavallo á estalagem e correu, a todo galope a Strasburgo, afim de mudar de fato.

Ao voltar acudiu-lhe outra idéa mais extravagante ainda do que a primeira: pediu emprestado o facto ao filho do estalajadeiro, e com este disfarce apresentou-se de novo em casa do pastor protestante com um guardanapo cheio de pasteis, e dizendo que o mandara sua mãe offerecer os sobreditos pasteis ás duas meninas, segundo o costume da terra.

Ao principio todos caíram; mas Frederica não tardou a descobrir o engano, e o bom do pae ficou tão encantado com a brincadeira que pediu ao agaiado estudante que passasse alguns dias em sua casa.

Escusamos de dizer que, quando partio, já amava apaixonadamente Frederica, que lhe correspondia com effusão. Escreveu umas poucas de cartas á gentil menina que lhe respondeu sempre; mas elle é que de subito emmudeceu.

Estava a porta o melancolico outomno, trazendo consigo o lucto da natureza, e enluctando mais ainda o coração d'aquella que se julgava abandonada. Comtudo o pensamento do estudante voava para Segenhin, e por uma linda tarde de outomno montou a cavallo para ir a casa do ministro protestante.

A nossa gravura representa o momento em que elle chega.

Frederica está procurando o esquecimento n'uma leitura sentimental, enquanto sua irmã mais velha—uma magnifica morena—está occupada a fiar, seu pae fuma o seu cachimbo, e sua mãe leva ao marido uma garrafa de cerveja.

Mas a fiandeira vio um cavalleiro ao longe, advinhou quem era. Que surpresa e que alegria para a loira Frederica! Bem lhe dizia o coração que elle não deixaria de voltar!

Goethe passou em casa do pastor o dia seguinte, que era um domingo, fazendo uma côrte assidua a Frederica, que estava perfeitamente resolvido a pedir em casamento.

Nas suas obras encontram-se um grande numero de poesias, que lhe foram inspiradas por este primeiro amor, e em todas se manifesta uma frescura deliciosa, e um verdadeiro sentimento; chamam-se: *Bom acolhimento e separação; Como o coração me pulsava quando eu ia a cavallo; Flores pequenas, pequenas folhas; Vela por ti, Frederica; E' terrivel uma manhã sombria*, etc.

Mas infelizmente Frederica e sua irmã tiveram a desastrada idéa de ir a Strasburgo visitar o joven doutor; como ellas lhe pareceram rusticas fora do meio simples e honesto em que viviam!

Por isso, completamente desenfitecido, resolveu pôr termo ao que esse eterno ingrato chama «um romance?»

Depois de ter passado algum tempo com sua familia em Francfort, sua terra natal, partio para Segenhin para fazer as suas despedidas á filha do pastor Brion. «Foi um momento bem cruel, disse elle depois na sua auto-biographia, aquelle em que, tor-

pois. O meu coração conservou-se frio. Que querem? Não era já senão um sonho apagado!

Mas, se Goethe, na sua olympica serenidade, no seu egoismo supremo, ainda era susceptivel de ter remorsos, e de se lembrar com amargura dos corações que despedaçou na sua carreira triumphal, o espectro que mais vezes o visitou nas horas mortas da noite, quando a insomnia povoava de lugubres visões o quarto silencioso, foi de certo o espectro de Frederica, a doce e candida imagem da loira menina, que entregara todo o seu coração ao despiadoso estudante.

Uma hora feliz na existencia de uma mãe

Por mais de uma vez temos apresentado aos nossos leitores, gravuras com assumptos semelhantes a este, e, se é sempre encantador o thema, as variações não são infinitas. Ponghâmos pois agora por baixo d'este quadro encantador de Bauer, uns versos que o autor d'estas linhas poz uma vez nos labios de uma creança de um anno:

Não fallo ainda; meus labios,
affeitos ao mel dos ceus,
murmuram doces palavras
que só entende o bom Deus.

O Deus, que os anjos envia
a acalentarem-me o berço,
que de aureos sonhos povôa
o somno em que fico immerso.

Vejo então, por entre as sombras,
com azas de oiro e de luz,
os cherubins que me embalam,
vejo o menino Jesus,

o loiro Deus que me affaga
e me diz: És, innocente,
a aurora que não tem nuvens,
o labio que ainda não mente.

Acordo; fogem-me os sonhos,
e eu digo por entre o pranto:
Porque me deixas sósinho,
menino que eu amo tanto?

Jesus! Apenas desperto,
os anjos fogem de mim!...
Pois eu não faço maldades,
por que me punas assim.

E diz-me Jesus: Criança
de faces côr de cecem,
tens um anjo que te vela,
e esse anjo é tua mãe.

Uma conta custosa

Podêra! Imaginam talvez que é caso de brincadeira? A mãe deu-lhe doze vintens, e encartegou-a de comprar aqui manteiga, acolá assucar, e línhas e agulhas... o inferno. Parece impossivel como doze vintens chegassem para tanta coisa.

Emfim, enquanto se tratou de gastar não foi a coisa mal. A pequena foi approvada com distincção em arithmetica, e d'ahi lhe resulta não saber senão contando pelos dedos que quatro e seis são dez. Em compensação respondeu brilhantemente no exxame a quantas definições lhe perguntaram, e afirmou intrepidamente, sem perceber nem palavra do que dizia, que «numero é a relação entre a quantidade e a unidade» Por isso a festejaram e applaudiram, e

por isso tambem voltou a casa com muito palavriado chocho e metaphysico na cabeça, mas incapaz completamente de sommar de cabeça o rol da tenda.

Por isso é que ella amarga cruelmente agora os loiros do seu exame de instrucção primaria. Se a mãe quizesse umas definições sonoras de addição, subtracção, multiplicação e divisão, como a pequena lh'as daria intrepidamente n'uma linguagem abstracta, que tomam sempre por latim as pobres crianças que a aprendem; mas a mãe não quer saber d'isso, a mãe o que quer saber é como foram gastos os doze vintens, e por isso a pequena se vê atrapalhada, porque ella traz 25 réis, e gastou o seguinte: Manteiga seis vintens, assucar dois vintens, cinco réis de agulhas, e meio tostão de línhas. Ora, diz a pequena consigo seis e dois oito e cinco treze, e meio treze e meio, e vinte e cinco que trago commigo trinta e oito e meio... Ora ella levou so doze vintens como é que se arranjou? Como seria, meninos?

O Grão Rabbino

Deve ser portuguez o homem que têm presente. Com effeito este quadro é o retrato de um celebre grão-rabbino de Amsterdam do seculo XVII, pintado por um dos grandes artistas hollandezes d'esse seculo, Govaert Flink, chamado o Van-Dyck hollandez. Ora os judeus mais famosos de Amsterdam eram os judeus portuguezes, os judeus que a Inquisição expulsára e que iam depois illustrar a Hollanda com o seu talento e a sua illustração, enriquecel-a com o seu trabalho. Spinosa, o grande philosopho, que a Hollanda reclama como uma das suas glorias, era um judeu portuguez. Costa um dos primeiros romancistas da Hollanda era um judeu portuguez, Meza um dos mais famosos medicos batavos, cuja familia se foi estabelecer depois em Copenhague, familia a que pertence o general Mesa que commandou as tropas dinamarquezas na guerra de Schleswig-Holstein em 1864 era um judeu portuguez, Franco Mendes um moderno rebequista, gloria da escola musical hollandeza, era um judeu portuguez.

E não era só na Hollanda que esta magnifica raça de judeus portuguezes produzia verdadeiras notabilidades litterarias, scientificas e musicas: na Allemanha Mendelsohn é judeu de origem portugueza, em França, Jacob Rodrigues Pereira, o mestre dos surdos-mudos, era portuguez e judeu de origem portugueza são por consequente os seus descendentes, os famosos financeiros Isaac e Emilio Pêreire, Alexis d'Azevedo um dos mais celebres criticos musicas da França moderna era um judeu de origem portugueza, na Inglaterra Jorge Augusto Sala, o primeiro folhetinista inglez é filho de um judeu de Portugal, e assim por toda a parte aquelles que nós repellimos foram ser a illustração e a gloria dos paizes que os acolheram.

P. C.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

SERÕES HONESTOS

(CONTOS)

O SENHOR DOS PASSOS

Já era noite, noite fechada, e a mãe sem vir...

O que seria? nunca vinha tão tarde...

E Maria, toda encolhida, no rebato da porta meio aberta, já não sabia o que havia de dizer aos irmãos, que estavam, de dentro da loja, a fazer-lhe perguntas repetidas, com muita impaciencia, á es-

pera que a mãe chegasse, e trouxesse a ceia, para elles se deitarem... os innocentes!

Mas o que se lhe havia de fazer? a mãe, n'aquelle dia, demorava-se tanto... se lhe teria succedido alguma coisa?

E, muito triste nas suas lembranças, com a bar-

Restos dos ricos que alimentavam os pobres.

Era uma familia infeliz.

Veio logo outro substituil-o, e a pedra chegou acima intacta.

—O pae estava no céu, diziam os visinhos; estaria... mas os filhos tinham ficado cá em baixo, no mundo, sem arrimo, sem elle, que era o pae, o trabalho, o pão...



UMA HORA FELIZ NA EXISTENCIA DE UMA MÃE

ba sobre os joelhos dobrados, e os braços a segurar as pernas, Maria pensava na sua vida, olhando pela rua fóra, a ver se via o vulto conhecido da mãe, aquella pobresinha que todas as tardes trazia debaixo do chaile, o taxo de barro em que juntava, pelo dia adiante, uns restos de comida, que eram a ceia das creanças.

O pae, o chefe, um bom official de pedreiro, morrera, um dia, de um andaime abaixo, por se debruçar de mais para salvar d'uma pancada as arestas d'uma grande pedra; uma bacia de varanda que era içada para um predio rico.

Perdeu o equilibrio, cahio á rua, e ficou morto. Coisa natural no officio, e, por fim, de pouco valor.

E Maria, ao pensar n'estas coisas, muito encolhida na sua porta estreita, Maria chorava devagarinho, muito manso, para que os irmãositos não vissem e lh'o perguntassem.

Os irmãos não tinham culpa d'aquillo; eram tão pequenos! sabiam lá o que é ficar n'este mundo uma viuva de artista, com quatro filhos nos braços!

Maria é que o comprehendia bem, e por isso escondia as lagrimas das creanças, porque ella já tinha dez annos, e, desde que a mãe a tirou do collegio, para tomar conta dos irmãos pequenos, Maria era uma mulher, com responsabilidades, com cuidados, mãe de familia.

viam obedecer á Maria, que não era mais do que sua irmã, e, afinal, pouco maior do que elles. . . não queriam, gritavam, fugiam para a rua. . . uns rebeldes!

Ella, então, levava-os com muita paciencia; promettia-lhes coisas, contava-lhes historias muito compridas de aventuras da mãe, que andava lá por fóra

Depois, Maria tinha as convicções dos bons; acreditava na caridade, na resignação.

N'um dia em que ella mais se queixára á mãe, d'aquella vida de miseria e de tristeza, a mãe disse-



UMA CONTA CUSTOZA

Ao principio, os irmãos, vendo-se sós em casa com ella, não perceberam, não queriam acceitar a tutella da irmã, e revoltavam-se contra as suas ordens. Não podiam entender como é que a mãe estava fóra todo o dia, e como todo o dia durante elles de-

a arranjar a ceia. . . a ceia que não podia vir, se a mãe não andasse lá por fóra. . .

E; por entre as lagrimas precoces da sua pouca idade, aquella creança infeliz já sabia inventar as illusões corajosas com que se lucta com a desventura, as grandes mentiras sublimes com que se combate a sorte, e se engana a existencia!

ra-lhe que era preciso ter paciencia, coragem:

—porque n'este mundo, por mais pobre que a gente seja, sempre se encontra outra pessoa mais pobre do que nós!

E Maria, toda impressionada por esta maxima da mãe, ficára muito firme na sua crença, no seu amor pelo bem, e resignava-se nos seus bons sentimentos, protegendo, amparando os irmãos, em quanto não

chegasse alguém, ainda mais infeliz, que também precisasse de protecção...

Ou ella mesma, quem sabe? pois ella mesma não podia ser ainda mais pobre, mais infeliz do que já era? Pois a mãe, que se demorava tanto... não podia ter-lhe succedido qualquer desgraça? quem sabe?...

Pobre Maria!

De repente, quando mais enterrada estava nas suas negras cogitações, Maria foi distraída pelo choro dorido, desesperado, d'uma pequenita que subia a calçada, e foi sentar-se, toda soluçante, no rebate da porta fronteira á d'ella.

Maria ergueu-se, e atravessou a rua:

—O que tens tu, Luizinha?... o que foi?

—A minha mãe, e o meu pae... ai!... o meu pae!... e, na grande suffocação, não se lhe entendeu o resto...

Maria amimou-a, consolou-a, perguntou-lho:

A pequena fôra comprar vinho para o pae; no caminho cahira, quebrara a garrafa, e tinha agora medo de voltar para casa... o pae batia-lhe, maltratava-a, se lá lhe apparecesse sem a garrafa!...

O pae era um bebado: dera-lhe, para o vinho, o ultimo dinheiro que tinha, e, quando lh'o dera já não estava bom... se a filha voltasse sem o vinho, elle matava-a!...

Aquillo era verdade; Maria correu a casa, foi á caixa da mãe, e tirou uns cobres que lá havia. E voltando:

—Toma!... vae comprar o vinho e a garrafa... és tão pequenina! tão infeliz! toma! vae!...

E, quando a creança, doida de alegria, começava a descer a rua:

—Olha, Luiza!... tem cautella... não a quebras outra vez, que eu não tenho mais dinheiro!...

Já tinha encontrado alguém mais pobre do que ella, que tinha dado uma esmola!

E, toda satisfeita da sua boa acção, voltou para a porta, e começou, de novo, a alongar os olhos anciosos pela rua, com uma grande impaciencia por que a mãe viesse, agora, principalmente, que lhe queria contar o que fizera.

Contar-lhe?... mas aquelle dinheiro... era o unico... não ficava mais nenhum em casa... era o dinheiro do annuncio!...

Começou então a assustar-se muito do que tinha feito... Aquillo, que ainda agora lhe parecia tão bonito, tão honesto... ia perdendo toda a sua feição de boa obra, pensando-se nas necessidades, na miseria propria, da mãe e dos filhos!... não!... a mãe não podia gostar do que ella fizera; pois se aquelle dinheiro era o dinheiro do annuncio!...

Porque a desgraçada da mãe, alugava-se aos dias, como um animal, para servir em casas particulares, onde se esperava por creada. Logo que vinha a creada, despediam-n'a, mandavam-n'a embora, e ella não podia arranjar outra casa, sem fazer o annuncio!

E o jornal não fazia annuncio de graça...

Se pois o dinheiro fosse preciso no dia seguinte? se a mãe tivesse sido despedida n'aquelle dia? Por isso Maria, ainda ha um instante tão satisfeita do seu bom acto de caridade, ficou aterrada ao ver a mãe que vinha subindo a rua, com muita pressa, toda cheia de cuidados.

A mãe entrou muito cansada, muito triste. Maria advinhára: tinham-na despedido n'aquelle tarde, sem ao menos lhe deixarem trazer os restos da comida.

Tambem... para que lhe haviam de dar os restos? já não precisavam d'ella! A pobre mulher, fôra, então, comprar alguma coisa, com o tostão d'aquelle dia; foi por isso que se demorou.

Os pequenos comeram, e adormeceram logo; depois, dentro da loja fria, ás escuras, ficaram-se a conversar baixinho, aquellas duas mulheres, uma de trinta, outra de dez annos, que tinham, por fim, a mesma idade para a dôr, para os soffrimentos dos pobres, para aquella vida triste de mulheres desamparadas.

Todas as noites faziam o mesmo. Maria contava á mãe os acontecimentos do dia; o que os irmãositos haviam feito, as suas fugidas para a rua, a sua lida d'ella, a desvia-os de algum cavallo, de uma carroça que passava, os ditos dos visinhos que ás vezes ralhavam com elles... que eram tão pequenos, que nem sabiam que faziam mal,—gente que não perdôa nada!—

A mãe respondia á filha, como se ella fosse outra mãe. Dizia-lhe as suas esperanças, os seus desenganos...

N'aquelle dia, viéra mais tarde, porque tambem tinha ido procurar aquelle senhor do estanco, que lhe promettera metter a Albina n'um asylo, e talvez no recolhimento do Calvario.

Demorára-se á espera d'elle, para, no fim, perder toda a esperança!

Aquelle senhor parece que fizera as diligencias, que pedira ao ministro, mas o ministro só mettia no Calvario, as creanças protegidas por influentes politicos, ou por senhoras ricas, fidalgas, a casa de quem ia tomar chá...

O tal senhor até lhe tinha contado a historia da filha de um conductor d'obras publicas que estava doido... com a mulher doente, e quatro filhos pequenos. E, terminando:

—Em fim... já que a nossa vida não pode mudar, amanhã vou deitar o annuncio.

—O annuncio! gritou Maria: e rompeu n'um choro suffocado, arrependida, a pedir perdão...

A mãe ficou espantada:

—O que é?... o que tens tu, Maria? porque choras tu assim?...

—Tirei o dinheiro... dei-o á Luiza... á filhita da visinha...

E, muito agarrada á mãe, contou-lhe tudo, até terminar:

—Bem vê, mãe: vi-a ainda mais infeliz, mais pobre do que nós!

Era justo: era logico; fôra a mãe que o dissera; e começou a consolal-a:

—Tens rasão, tens: sempre se encontra alguém mais infeliz... não chores, deixa estar: amanhã é sexta-feira, havemos de ir á Graça pedir ao Senhor dos Passos; elle hade ouvir-nos, ajudar-nos, deixa estar...

E Maria foi deitar-se mais consolada, quasi tranquilla, cheia de esperança no auxilio que havia de chegar, nem ella sabia de onde...

E adormeceu muito confiada, muito certa do proximo reviramento da sorte. Quem sabe?

Ao outro dia de manhãzinha, foram. A mãe apertára muito ao rosto o seu lenço de viuva, e Maria, com a sua saia preta, e o seu casaquinho escuro, feito de umas calças do pae, lá ia muito contente,

feliz, pela mão da mãe, a respirar, por alli além, aquelle ar bom da liberdade, do descanso de duas horas... que alegria!

Os irmãositos tinham ficado a brincar ao pé da porta, vigiados pela visinha da fructa; podiam ir descaçadas.

Na igreja havia poucos fieis.

Ao cimo, na capella môr, o sachristão, com gestos vagarosos, de grande preguiça, punha flores novas nas jarras azues do altar, trauteando, em compridos bocejos, uma cantiga da rua.

A' direita, na sombra austera da sua capella, o Senhor dos Passos, todo curvado sobre um dos joelhos, com a sua grande cruz ás costas, fitava o terreno vagamente, com os seus olhos embaciados, doloridos, meio cobertos pelos cabellos pretos, lisos, corredios, apartados ao meio da testa, por onde desciam as gotas de sangue, da sua corôa de espinhos.

Ellas ajoelharam-se na pedra, defronte do andor; e, em quanto não iam beijar o pé da imagem, descoberto, exposto, pela irmandade, á adoração dos fieis, Maria perdia-se extatica, absorvida, na contemplação do Nazareno, mettido na sua tunica roxa, toda desbotada pelo tempo, e cercado pelos cyprestes de lá verde desfiada, cravados verticalmente nos quatro angulos do andor.

A mãe resava. Pedia ao Senhor, de dentro do peito, com a intimativa da sua desgraça, um auxilio bom que a animasse, que a ajudasse a levar tambem aquella cruz da sua vida de viuva, e mãe desamparada.

Ficaram assim muito tempo; as devotas succediam-se umas ás outras, subindo e descendo indifferentes, o degrau lateral que lhes facilitava o accesso ao pé da imagem, e depois iam-se embora, conversando muito, em praticas profanas, todas contentes por se verem livres da obrigação cumprida. O sachristão tambem saíra já; pouco depois de ellas entrarem, descera pela igreja fôra, olhando distraído para as coxias lateraes, até bater, com estrondo, a porta de castanho do guarda vento da entrada.

Era preciso sahir; a igreja estava deserta.

Ergueram-se, subiram ao degrau, e a mãe de Maria levantou a filha para que beijasse o pé do Senhor.

—Beija-lhe o pé, Maria: Elle nos ajudará.

E desceram consoladas, convencidas, crentes.

Mas, á porta, na passagem para a rua, o sachristão estendendo o braço, com a bandeja de estanho, pediu:

—Esmola para o Senhor dos Passos!

Pararam espantadas, perdidas! Pois vinham pedir auxilio a Deus, e Deus pedia-lhe esmola, a ellas!

—Bem vê, mãe, disse Maria, com um sorriso muito triste, sempre ha alguém mais pobre do que nós... até Nosso Senhor!...

CYPRIANO JARDIM.

ROSICLER

A FORMAÇÃO DO PROGRESSO

(De Victor Hugo)

É um passo a escravidão sobre a anthropophagia,
E a horrivel guilhotina é hoje todavia
Sobre a fogueira e a pala um passo mais tambem

Na guerra—o carniceiro—um pastor se contem.
Cyrus exclama : avante! e os grandes generaes,
Na humanidade abrindo estradas triumphaes,
Na frente a aurora têm, negros exploradores!
Elles calcam a noite, esmagam os horrores,
A sombra; e o que triumphá é o missionario então
Do raio colossal que contém o trovão.
Sesostris quando mata é quando vivifica;
Gengiskan, do voleão é a lava fertil, rica;
Alexandre semeia, Atila fertilisa;
Este mundo que o esforço humano civilisa,
Esta criação onde a aurora chora e brilha,
Onde da morte nasce a vida, oh maravilha!
Onde os coitos provém dos mil divorcios, onde
Das forças n'este cahos o proprio Deus s'esconde
Onde o botão rebenta o calice que o contém.
E' o mal a trabalhar e a produzir o bem.
Mas que sombra em redor! Que vagalhões d'espuma,
E quantas illusões d'optica n'esta bruma!
Se este libertador como um tigre destroe,
E' por ser um bandido ou por ser um heroe?
Quem sabe! N'este abysmo onde estão agrupados
Amor, virtude, crime e festas e attentados,
Illudidos por tudo o que vae perpassando,
Como acharemos o astro em tanto horror fluctuando?

Fez-se por fim a luz. Do cahos o aspecto horrendo
Foram-n'o pouco a pouco as multidões perdendo
E no interior dos seus abysmos tenebrosos
Mostraram vagamente uns pontos luminosos.
Pois que! O povo rude, as massas respeitaveis
Esse triste montão de nações formidaveis
Das batalhas sentindo o choque rude e ingente,
Esse encontro feroz da espada reluzente
Que produz o direito e que aleventa o povo
Dando-lhe nova força e entusiasmo novo,
As faiscas sahindo em grande turbilhão
Das luctas, dos heroes, das forças em acção,
O doido tumultuar dos campos, da matança,
Esta cavallaria indomita que avança,
Os bravos esquadrões cobrindo os regimentos
De raios; mil canhões arremessando aos ventos
Muros a fumegar; golpes e cutiladas,
Esta fusilaria, estas espadeiradas,
O sinistro fragor das rútilas couraças
Estas glorias sem fim causando estas desgraças
Sobre os elmos de ferro os sabres a vibrar
Esse grito de dor, quando a vão fusilar,
Da victima que perde a pouco e pouco a luz,
Tudo isso é o ruído estranho que produz
—Oh mysteriosa lei que a ideia nos transtorna—
O malho do progresso a bater na bigorna.

Ah!

Mas ao mesmo tempo o infinito que vê
O ponto onde remata a causa, e que não é
Senão uma elevada e lucida consciencia
Feita d'immensidade e paz e paciencia,
Deixa, sabendo os fins e os meios que convêm,
Muitas vezes o mal fazer-se com o bem.
Tal é a ordem profunda, obscura, mansa, altiva
Que até no desmentido encontra a affirmativa.
Assim de Marco Aurelio o filho é um bandido,
Foi assim que hediondo, ante o homem surpreendido
Com a permissão do céu e com o Christo augusto,
Com a lei d'este santo e a morte d'este justo,
Com estes paternaes conselhos tão suaves:
—Dá pão a quem tem fome—Os outros não aggraves—
—Nem faças o que não quizeres que te façam—
Com esta lei na qual, vida e perdão, se enlaçam,
Com dogmas taes, com tão beneficas ideias,
Loyolla fabricou suas sombrias teias
—Negra aranha a quem Deus dava para tecel-as
Os fios da alvorada e os raios das estrellas.

JAYME VICTOR.

HORAS DE OCIO

Acrostico

(Á feroz mensagem do acrostico duplo do n.º 30 do Jornal do Domingo)

A prima á segunda é igual
se não fora entrar ao meio
esse tão justo receio
do estudante casual.

Sem o Damocles acima
somente em casos de rizo.
Antepõe primeira á prima
tens inferno e paraizo.

Na segunda, a derradeira,
porque só tinha uma só,
dor horrivel, traiçoeira
deu cabo da minha avó.

O todo, leitor, o todo
nem mesmo o digo em segredo,
pois é um mal de tal ordem,
que pensar n'elle faz medo.

S. M.

Soluções do n. 32

Dal-a-hemos no proximo numero.

AS FILHAS DOS ELEMENTOS

Eu não sei se v. ex.^{sa} conhecem Raphael de Andrade.

E' um rapaz elegante, vestido caprichosamente e no requinte da moda, sem os exageros do *petit crevé*. Mais de um sorriso acolhe á passagem aquelles olhos rasgados e negros, aquelle bigode farto, graciosamente cofiado, aquella fronte altiva e espaçosa.

Mas, e porque não ha formosa sem senão, vive em um mundo todo ideal, todo phantasia, em que as mulheres são uns anjos de candura e de perfeição, que não leem nem as poesias de Lamartine, nem os romances de Zola. Cego pela mythologia, quer para esposa uma divindade, isenta de defeitos, um anjo na mais completa expressão da palavra.

—Eu desposar uma simples burguezia de sainha curta, capota de peles no inverno, que come, que bebe, que dorme, enfim, como qualquer mortal! Deus me livre! A mythologia não é ainda uma ficção: satisficam o meu ideal e eu irei entregar-me vencido nos braços da minha deusa.

Por maiores que fossem os desejos de um enlace, comprehendem v. ex.^{sa} decerto o como este modo de pensar era pungente para a mãe de Rafael. Offerecera-lhe diversos casamentos com as meninas mais elegantes da alta *gomme* e Raphael, sempre inflexivel e indifferente, começava a inventar senões a cada nova *candidata*.

—Pois não vê a mamã que pés aquelles? E o pó d'arroz! os dentes tão pequeninos e... —ó mamã por Deus não ue falle na... Já a vio valsar? parece uma boneca allemã! e come pasteis no Baltrés-qui! e chama a casa o Godefroy para depois trazer assim o cabello fingidamente em desalinho! Ai, que tormento o meu, se tivera de casar com semelhante mostrengo.

E sempre os mesmos argumentos, as mesmas observações, a mesma indifferença.

Um dia veio ter com elle o dr. Alberto, homem de costumes austeros, sinceramente amigo da familia e que dedicava a Raphael affecto de irmão. Camçado de o ouvir e de procurar convencel-o a um casamento vantajoso, sem lograr maior fortuna do que os demais, jurou aos seus deuses que havia de matar pelo ridiculo aquella mania, e casar Raphael. A tarefa era ardua; mas elle tinha por si a tenacidade

e a força de vontade: com taes predicados sentia-se forte para a lucta.

—Tens carradas de rasão, meu Raphael. Deixa todas essas creaturas insignificantes e desastradas para os homens pacatos, que gostam de socego no lar, que levam as familias ao theatro ao domingo e passeiam ás vezes no americano, ou vão comer queijadas á barraca da Lima, na feira do Campo Grande.

—Ainda bem que és dos meus! E nem podia deixar de ser assim, sob pena de descrer de ti e da tua intelligencia.

—Pois sim; mas vamos ao que importa. Tenho cousa excellente para te offerecer: quero ser o teu Mercurio.

—Que dizes?

—Digo que tenho um punhado de noivas para te offerecer.

—Ora essa! Noivas por atacado?...

—Tal qual. E desde já te affirmo que ou casas d'esta vez, ou Alberto me não chame eu mais.

—Mas falla, desembucha. Descreve-me essas deidades. São provavelmente algumas enfesadinhas do Pote das Almas, que...

—Então não temos nada feito. Crê ou morre. Se confias em mim, destina-me quatro noites e findas ellas, estarás casado.

—Logo quatro?

—Nem mais nem menos.

—E que qualidade de entes são?

—Filhas dos elementos!

—Filhas dos elementos? ó diabo, isso agora lá me parece serio.

—Previno-te porem que a minha proposta tem condições.

Sejam quaes forem, acceito-as desde já.

—Vê lá o que dizes...

—Juro-t'o por Saturno.

—Acceito o juramento. Ouve pois. Mandarás apromptar o trem em quatro noites seguidas. O cocheiro será o meu. A's 8 horas e um quarto, virei buscar-te ao teu quarto e tu acompanhar-me-has com os olhos vendados.

—Hein?

—Pois então, que tem lá isso? Não diz o proverbio que o amor é cego? Serás tu o amor, e só assim podes ir. Deves concordar que uns entes sobrenaturaes como aquelles, são forçosamente susceptiveis e que é preciso respeitar-lhes a susceptibilidade.

—Mas explica-me isso melhor, que eu confesso que te não percebo bem.

—Pois a cousa é bem simples. Tenho á tua disposição as nobres filhas dos elementos e...

—Nunca as vi!

—Olha a novidade. Imaginavas então que ellas andavam a dar encontrões pelo Chiado? As minhas protegidas não pertencem a esse numero: são arrebatadoras, elegantes, mas não passeiam pelo mundo senão por desfastio.

—Pois bem: não discuto e acceito a proposta.

—Para quando?

—Para amanhã, para depois... para já, se quizeres.

—Alto lá, que isto não vae assim. Amanhã ponho-me em campo e depois de amanhã ás 8 horas estou aqui.

—Dito.

—A proposito. Veste-te todo de preto para estares á altura da situação.

—Vá lá mais essa excentricidade. Até depois de amanhã.

—Até depois de amanhã.

(Continua).

V. V.

SCENAS DA VIDA DO MEXICO
DONA EVORNIA

POR
LUCIANO BIART

II

(Continuado de pag. 256)

Eu não acreditava no movimento rotatorio d'um tecido vegetal; todavia negar é tão facil, que tenho por norma abster-me de o fazer.

A verdade, diz Paschal, anda desconhecida por entre os homem; eu, por mim, tenho feito consistir o meu orgulho em procural-a, em ver se me é possível reconhecê-la. Negou-se a circulação do sangue, entrevista por Galileo, Vesalio e Cesalpino;

gossypium herbaceum, vi perfeitamente immoveis, estendidas, seis sementes escuras, triangulares, tendo a fôrma do *polygonum phagopyrum*, vulgo trigo preto, mas duas vezes maiores.

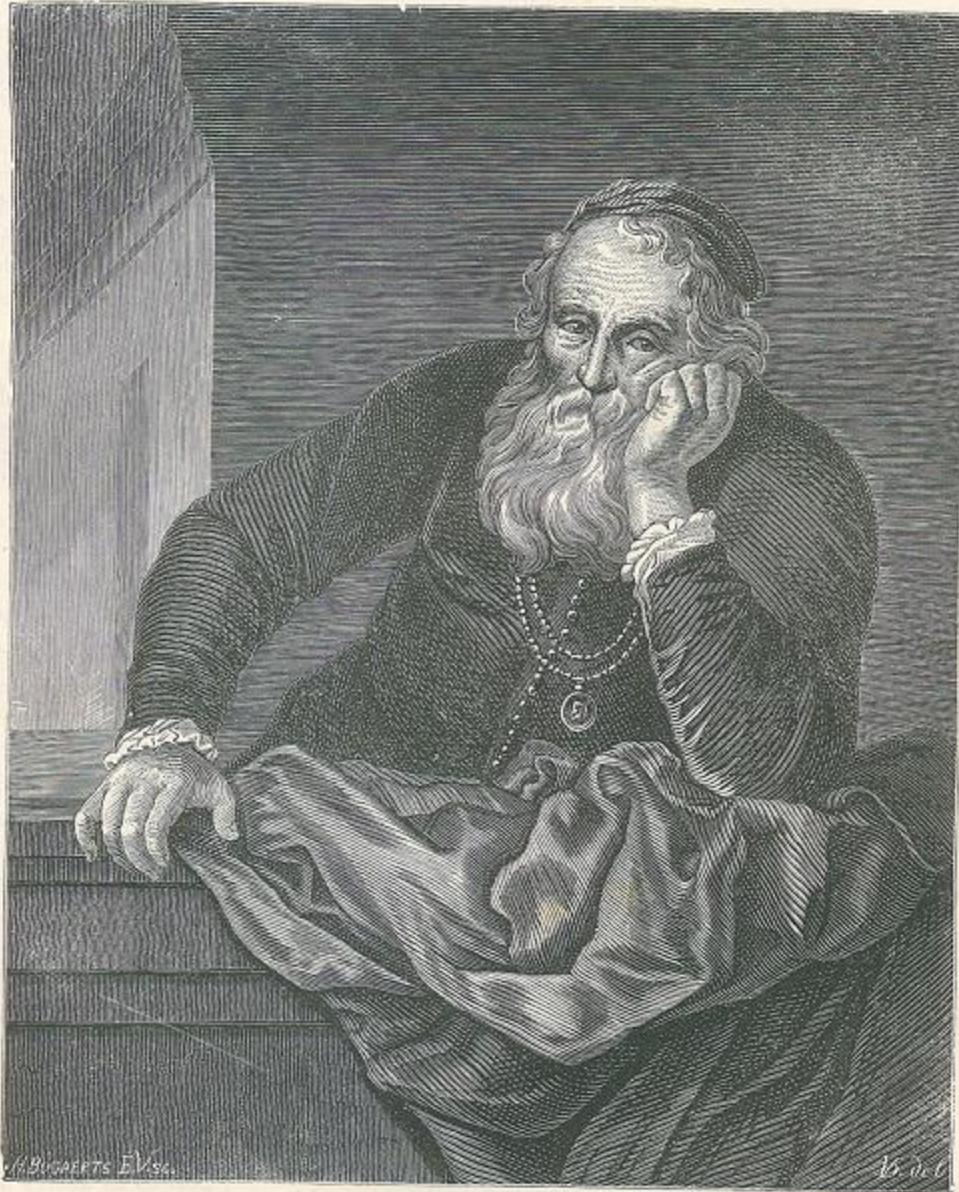
Tinha deante dos olhos uma leguminosa. Tomei com a maior cautella tres sementes, colloquei-as em posições diversas, e acendi uma vela, cuja chamma ajudar-me-hia a comprovar o movimento das sementes, demonstrar-me, no caso de ellas se moverem, se obedeciam ou não a uma causa mechanica. Feito isto, tapei a boca com o lenço, e esperei com indescriptivel anciedade.

Passaram-se dez minutos, e nada se mexia; eu lambrava-me porém de que o pescador á linha, quando o peixe leva uma hora para morder a isca,

—Quem quer que é, entre! gritei afinal.
Apareceu o alcaide da prisão. Em nome do juiz do crime, vinha pedir-me que visitasse a Grega, que se dizia doente, para saber se elle podia sem perigo fazel-a olhar para o cadaver de Dom Philippe.

III

Recebi a comunicação do juiz com um sentimento de despeito, que não procurei sequer dissimular. Apaguei a vela, sacudi a minha cadeira, desarmeí o microscopio, amaldiçoando os assassinos e os tolos que se deixam matar por elles. Uma experiencia tão curiosa, uma descoberta igual ás mais bellas dos tempos modernos, addiada, frustrada, e por



O GRÃO RABBINO

negou-se a dos planetas em torno do sol, entrevista por Pythagoras; negou-se a vaccina, o vapor, a electricidade. O homem, ou por preguiça, ou por ignorancia, principia sempre por negar. E comtudo, que suprema alegria descobrir uma verdade por mais insignificante que seja! Não é servir a humanidade?

Por consequencia preparei as minhas lentes, as minhas pinças, o meu microscopio com um entusiasmo febril. Cobri a minha meza com uma grande folha de papel branco, fechei as janellas, as portas, para que o ar não viesse agitar as sementes fazendo-me acreditar que se moviam. Enganar-me! Ser illudido pelos meus sentidos! enganar a Academia das Sciencias, o publico! só esta ideia me fazia tremer e redobrar de cuidados.

Tomadas todas as precauções, abri finalmente a preciosa caixa, e sobre uma camada de algodão,

faria mal em concluir que o rio não tem peixe. Alem d'isso, a hora não se prestava para uma experiencia d'aquella natureza. A propria sensitiva, na occasião em que o sol mergulha no horizonte, obedece ao somno que se apodera de todos os vegetaes, e perde as suas propriedades contracteis. Principiava a massar-me, quando julguei observar um pequeno tremor n'uma das sementes. Olhei para a vela; a chamma direita, regular, socegada, dirigia-se para o tecto. A semente como que haloçou; senti-me empallidecer. Cinco minutos depois, as minhas tres sementes, como tomadas de vertigem, mexiam-se, affastavam-se, cruzavam-se. O' natureza, ó sciencia, ó maravilha! A' semelhança do Newton, meu mestre, descobri-me para saudar o Creator.

Bateram-me á porta; não tinha eu mais que fazer senão ir abrir e responder!

causa de uma mulher, que naturalmente estava, tão boa de saude como eu!

—Vejo que o encommódo, doutor, disse o alcaide; mas não é culpa minha; como não sou rico, não tenho remedio senão obedecer.

Aquellas palavras sensatas e melancholicas restituiram-me a tranquillidade. No fim de contas, só eu era o culpado. Eram por acaso horas proprias para estudar, para tentar uma experiencia? E depois, quando me puzeram na cabeça a borla doctoral, não jurei, segundo a bella formula do codigo medico hespanhol, consagrar o meu tempo, o meu bem-estar, os meus interesses, a minha vida á consolação dos meus semelhantes? Nunca tinha faltado a esse juramento.

(Continua)